

Cansadas de guerra

■ Mulheres vítimas de violência doméstica encontram em abrigo sigiloso da Prefeitura proteção e uma chance para recomeçar a vida

MAURO VENTURA

Todo dia ela fazia tudo sempre igual. Até que cansou. Cansou de apanhar, de ser ameaçada de morte, de ver as crianças serem agredidas, de ter a mãe expulsa de casa, de ouvir o marido dizer que ela abusava do filho de dois anos. Um dia — era um sábado qualquer de janeiro — ela preparou a fuga. Acordou às 5h30, fingiu que ia trabalhar, combinou com um taxista, pegou os cinco filhos e a mãe e sumiu.

Sem dinheiro e sem ter para onde ir, passou por todo tipo de provação. A sorte começou a mudar quando descobriu uma casa espaçosa no subúrbio do Rio. “Minha vida era um inferno. Aqui recomecei a viver”, diz essa empregada doméstica de 30 anos.

Tem sido assim com outras mulheres desde que, há um ano, foi criado o único abrigo para vítimas de violência doméstica do estado do Rio. Lá o sigilo é fundamental. As moradoras não revelam seus nomes, o endereço só é conhecido por uns poucos, o vigilante protege o lugar 24 horas. O cuidado se justifica. Os maridos abandonados costumam reagir mal ao desaparecimento da mulher e dos filhos. “Ninguém sabe de mim, nem meus amigos, nem meus parentes”, diz a empregada doméstica. Apesar de todas as cautelas, o marido de uma dona de casa de 36 anos localizou o lugar. “Ele já veio aqui e fica ligando toda hora”, diz ela. A direção da casa vai ampliar a vigilância.

Detetives — Com outra moradora foi pior. Os pais resolveram tirá-la do esconderijo. Um belo dia, o namorado da irmã levou todo mundo para um aniversário de criança. No meio do caminho, deu uma desculpa para ficar sozinho com a cunhada e arrancou com o carro, levando-a de volta para o marido. Ele tinha sido contratado para descobrir o paradeiro da mulher. “As vezes, eles põem até detetives atrás”, revela uma das coordenadoras do abrigo, Denise Brasil. Uma das abrigadas diz que toma várias precauções. “Eu sei os lugares onde ele anda e evito. Em todo lugar que vou pergunto se tem favela perto. Se tiver, vou desviando.”

Cada história é mais assustadora que a outra. Como a da cozinheira de 25 anos e seis filhos que apareceu por lá na quinta-feira passada. Durante seis anos, ela agüentou as bebedeiras e os espancamentos do marido. Não tinha a quem recorrer. A mãe sumiu, o pai caiu na bebida e pegou tuberculose. Ela suportou o quando pôde. Há um mês, saiu de casa, e, na semana passada, foi parar no abrigo. “Nem sei onde estou, só sei que quero ir à luta de novo.”

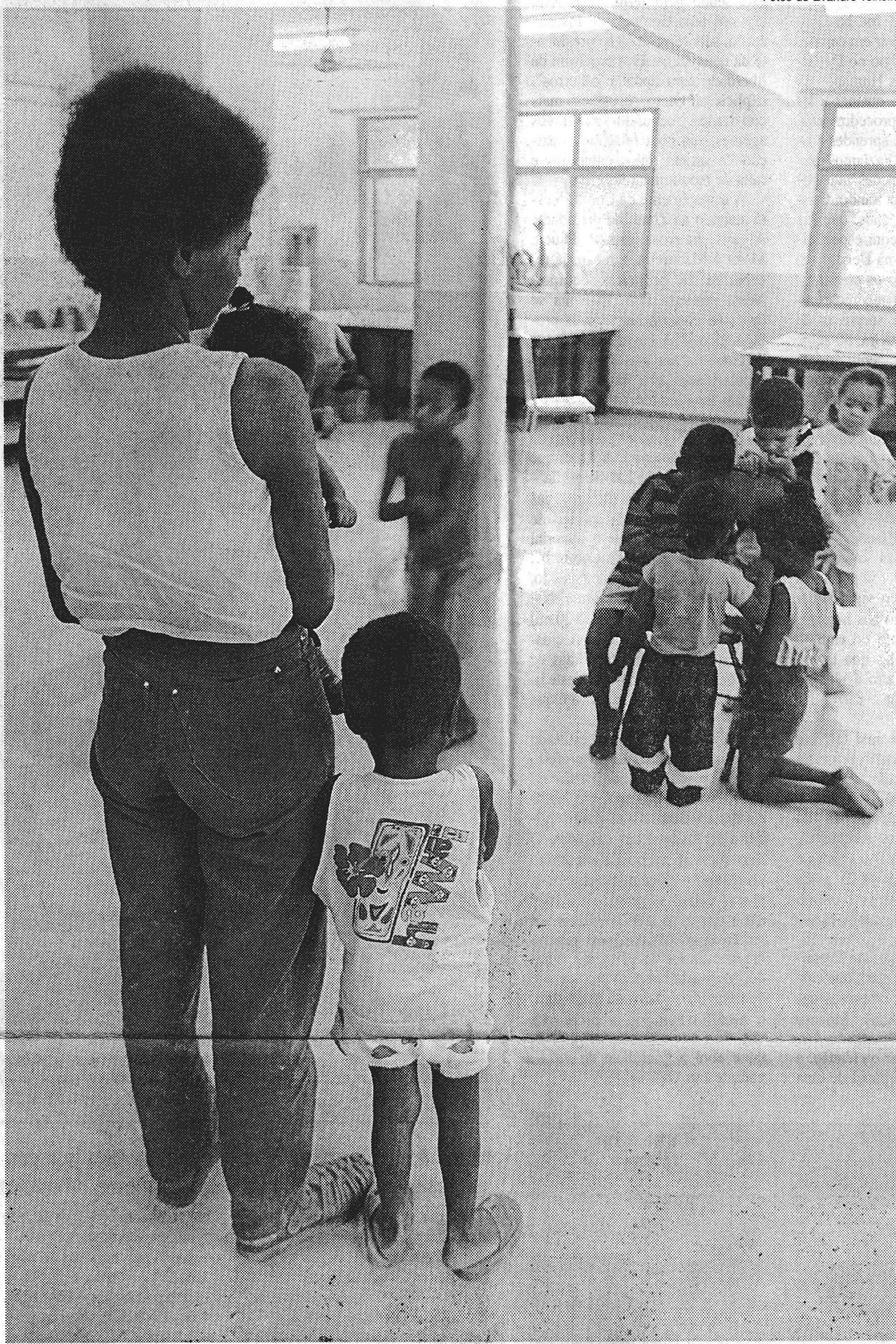
Pois está na hora de explicar onde ela está. O abrigo pertence à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. A verba é escassa, sobram carências, mas não falta entusiasmo. As coordenadoras do lugar usam o próprio carro para levar grávidas e doentes ao hospital, gastam lábia para conseguir sensibilizar as empresas, batem perna atrás de doações, procuram emprego para as vítimas, desesperam-se com a falta de vagas no abrigo, esforçam-se para cuidar bem das moradoras.

Papel — O descaso e a inoperância policial aparecem na maioria dos depoimentos. Como no da dona de casa de 40 anos que parou na delegacia de mulheres de São Gonçalo para pedir proteção à polícia. “Só posso fazer algo se você chegar aqui ensanguentada. Vai embora para casa dormir”, ouviu do policial. Ameaçada pelo marido, teve que se refugiar na casa de uma amiga.

Mas nem sempre chegar ensanguentada resolve. Outra dona de casa tentou registrar queixa na 34ª DP, em Bangu. O detetive a mandou ir primeiro a um hospital pegar um papel que comprovasse a agressão. Detalhe: era de madrugada, chovia, ela não tinha dinheiro para a passagem, estava coberta de sangue, os cinco filhos não paravam de chorar e o marido a seguia com uma faca. Não conseguiu registrar queixa e acabou dormindo em frente à delegacia. No dia seguinte, foi ao Conselho Tutelar, que indicou o abrigo.

As mulheres costumam chegar na casa assustadas. Desconfiadas de tudo e de todos, sem ter a quem recorrer, descrentes na polícia, elas mal acreditam quando se vêem cercadas de cuidados. “Já estou conseguindo sorrir”, diz uma, há apenas 12 dias no abrigo. “Elas observam se a gente está triste ou feliz, vêm nos abraçar, conversam, querem saber o que está pegando”, completa. Entre as mensagens de agradecimento, uma chama a atenção: “Apreendi muito aqui. Não sabia que as mulheres podiam ser tão solidárias.”

Fotos de Evandro Teixeira



Escondidas da violência, as mulheres ganham segurança, atendimento psicológico e têm os filhos matriculados em escolas

Abrigo já ajudou 102 mulheres

O abrigo surgiu do sonho de um grupo de mulheres da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que não aceitava a falta de um local para acolher vítimas da violência doméstica. Em abril de 1997, elas enfrentaram as resistências e instalaram numa casa no subúrbio do Rio um espaço que atendeu, somente nos primeiros 10 meses, 102 mulheres e 176 crianças. O próximo passo é conseguir que a prefeitura libere verba específica para o abrigo.

As famílias ficam na casa até quatro meses, mas o período é renovável. A equipe, liderada pela diretora Lourdes Lira e pelas coordenadoras Denise Brasil

e Eliane Motta, conta com educadoras, professoras e agentes de saúde. As próprias moradoras cuidam da limpeza e das roupas, ganham noções de higiene, aprendem a cuidar melhor dos filhos, descobrem a importância da amamentação, participam de oficina de *silk screen*.

Há planos também de se montar uma oficina de informática — os quatro computadores foram doados pelas Tintas Ypiranga, mas faltam técnicos para instalar e professores. As crianças participam de atividades recreativas, são atendidas em postos de saúde e encaminhadas para uma escola e uma creche do município. “Até fraldas descartáveis dão

para os meus filhos”, surpreende-se uma das residentes.

Uma das tarefas mais difíceis é arrumar documentação para as vítimas. “O agressor costuma tirar todos os documentos da mulher. Rasga a identidade, queima a carteira de trabalho, joga fora a certidão de nascimento dos filhos”, explica Lourdes. Quando as famílias são de outro estado, o caso se complica. Há algumas portas de entrada para a casa: a própria Secretaria de Desenvolvimento Social, os conselhos tutelares, as delegacias de mulheres, o juizado e o Centro Especial de Orientação à Mulher Zuzu Angel, em São Gonçalo.



O abrigo é coordenado por Eliane (esq.), Denise e Lourdes, que lutam para receber uma verba específica da Prefeitura

QUATRO HISTÓRIAS DE FUGA

“Me enforcava, me arranhava”

“Passei dois meses no abrigo e acabei de sair. Graças a ele, consegui emprego e aluguei uma casa fora do Rio. Fui parar no abrigo com meus três filhos e minha mãe. Meu marido era ótimo, conversava muito comigo, mas há quatro meses se envolveu com drogas. E passou a me bater. Me enforcava, me arranhava, me agredia na rua, dizia que eu era prostituta. Tive que largar o emprego, porque ele ligava cinco vezes por dia. Ele é apaixonado pela filha de quatro anos, mas começou a dizer que ia dar veneno para ela. Uma vez, bateu com uma serrinha de pedreiro na perna do filho. Ficou marcado. Ele dizia: ‘Isso não é filho, é castigo.’ Tentei ajudá-lo, levei-o para a Igreja Universal, mas não adiantou. Ele agora está jurado de morte pelos traficantes. Fiquei com medo de uma chacina e decidi fugir. Os quatro primeiros hotéis não aceitaram a gente. No quinto, fingi que estava de viagem marcada e que só ia passar uma noite. Antes de saltar do táxi, avisei para o motorista: ‘Se me procurarem diga que me levou para a rodoviária.’ Ele falou: ‘Pode ficar tranquila, já estou acostumado com isso.’ Estava sem dinheiro. Minha mãe passou mal e foi para o hospital. Lá, uma assistente social nos indicou o Banco da Providência. Daí fomos para uma delegacia de mulheres, depois para o Cedim (Conselho Estadual de Direitos da Mulher) e finalmente para o abrigo. Deixei tudo para trás, vídeo, TV, geladeira, fogão. Mas isso aí eu consigo de novo, a vida dos meus filhos não. Quando ele viu que a gente tinha fugido, disse para meus parentes que não entendeu porque eu tinha feito isso.”

(empregada doméstica, 30 anos)

“Não agüentei mais apanhar”

“Nos dois primeiros anos de casado, ele era carinhoso e compreensivo. Tanto que adotou meu filho mais velho, de oito anos, cujo pai tinha morrido. Mas aí descobrimos que o menino era surdo-mudo. Meu marido começou a beber muito. Botava fogo nas nossas roupas, jogava comida fora. Era muito ciumento, me socava, tentava me enforçar. Eu não tinha para onde ir. Minha mãe abandonou nossa família cedo e meu pai é alcoólatra e está com tuberculose. Além disso, tenho seis filhos. Um deles, o de quatro aninhos, teve uma vez uma parada cardíaca e ficou três meses no aparelho. Mas chegou uma hora que não agüentei mais apanhar tanto e falei que ia embora. Ele me xingou e disse que se eu não sumisse ele me matava. Saímos só com a roupa do corpo. Passamos numa igreja e eles nos deram mais algumas roupas. Fomos para uma delegacia. Lá, eles ligaram para a Defesa Civil, que nos levou para uma creche, que pertencia à extinta LBA. Daí, fomos para o Conselho Tutelar, que nos encaminhou para o Centro Especial de Orientação à Mulher (Ceom), em São Gonçalo. A equipe do Ceom é que nos mandou para o abrigo. Soube que meu marido está conformado com a nossa saída de casa. Meus filhos também. Saímos há três semanas de casa e até agora eles não perguntaram por ele. Quero reconstruir minha vida. Eu trabalhava numa fundação que cuidava de surdos-mudos, mas agora estou parada. Vou procurar trabalho. Também queria passar em casa para pegar minhas coisas.”

(cozinheira, 25 anos)

“Ele me xingava o tempo todo”

“Fiquei com ele durante 14 anos. Tivemos um casal de filhos. Com o tempo, começaram as agressões. Não físicas, mas morais. Uma única vez ele me bateu. Me deu um tapão na rua tão forte que desmaiei e acordei numa clínica. O mais comum eram as ameaças e as ofensas. Ele me xingava o tempo todo, em todos os lugares. Dizia para minha filha que ela ia ser vagabundinha que nem a mãe. Mais tarde, descobri que ele estava usando drogas. Ele não me deixava trabalhar e não me dava dinheiro para nada. Quando fugi com meus filhos, há duas semanas, ele quebrou a casa toda. Os vizinhos acharam que ele tinha matado a gente e chamaram a polícia. Ele ficou dois dias preso. Vou refazer minha vida, procurar emprego, cuidar dos meus filhos. Eu amo ele, mas não penso em voltar porque amo a mim mesma em primeiro lugar.”

(dona de casa, 40 anos)

“Ele me acordou para bater”

“Apanhava de tudo que é jeito. Com ferro, soco, borracha de mangueira. Ele me jogava o que via pela frente: lata de óleo, de sardinha, de salsicha. Eram 24 horas de briga por dia. Além de bater, dizia: ‘Cadela, eu quero comida.’ Já fui parar no hospital. Tudo porque os três filhos do meu primeiro casamento vieram morar com a gente. Eles fugiram do pai porque eram espancados. Numa madrugada do último carnaval, meu marido também botou os meninos para fora. Eu apanhava calada. Não podia fugir, porque ele me trancava e levava a chave. Uma vez, fui na delegacia registrar queixa, mas acabei retirando porque ele ameaçava me matar. Descobri que a ex-mulher dele tem o corpo todo marcado de ferro de passar. Ela me disse: ‘Larga ele, que ele é ruim.’ Um dia, pedi ao meu filho fazer uma cópia da chave escondido. Há um mês, meu marido saiu para beber e eu avisei os meus cinco filhos, incluindo os dois que tive com ele, para dormirem vestidos. Na volta, ele me acordou para bater. Falei para os meninos fugirem. Ele pegou uma faca e tentou me matar. Fui para uma delegacia. Ele apareceu lá pedindo para eu voltar. Mas não queria os meninos de volta. Não aceitei. Estou assustada, porque ele descobriu o telefone do abrigo e está ligando para cá.”

(dona de casa, 36 anos)